

## NO RASTRO DOS JORNAIS: condições de possibilidade para a constituição do ensino de Biologia no Brasil (1800-1879)

Peterson Fernando Kepps da Silva<sup>1</sup>  
 Lavínia Schwantes<sup>2</sup>

**Resumo:** Temos por objetivo compreender algumas condições que possibilitaram a constituição do ensino de Biologia no Brasil. Tomamos como fonte os jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Braziliense*, ambos do século XIX. A análise compreendeu elementos da perspectiva arqueo-genealógica de Foucault. É possível dizer que as instituições escolares serviram funcionalmente à prática das Ciências Naturais de conhecer a natureza de modo conveniente ao estudo da agricultura e ao desenvolvimento de indústrias. Aliaram-se a isso, um interesse no ensino de Botânica e Zoologia como instrumentos para o avanço do Brasil aos status de nação civilizada; cursos, à luz das Ciências Naturais, oferecidos para a comunidade em geral; bem como leilões, vendas/compras de livros e de objetos e/ou materiais referentes à área e os próprios jornais em que esses anúncios circulavam se tornaram acontecimentos que abriram espaço para as Ciências Naturais e a futura emergência do ensino de Biologia no país.

**Palavras-chave:** História do ensino de Biologia. História das Ciências Naturais. História e Filosofia da Biologia.

## IN THE TRAILS OF NEWSPAPERS: conditions of possibility for the establishment of Biology teaching in Brazil (1800-1879)

**Abstract:** Our aim is to understand some of the historical conditions that enabled the emergence of Biology education in Brazil. We draw on 19th-century newspapers — *Diário do Rio de Janeiro* and *Correio Braziliense* — as primary sources. The analysis is informed by elements of Foucault's archaeogenetic perspective. It becomes evident that school institutions functioned as apparatuses that supported the practices of the Natural Sciences, shaping ways of knowing nature that were aligned with agricultural development and industrial progress. Alongside this, there was a growing interest in the teaching of Botany and Zoology as tools for Brazil's advancement toward the status of a "civilized nation." Courses grounded in the Natural Sciences were offered to the general public; auctions and the circulation of books, instruments, and materials related to the field were also significant. The newspapers that carried these announcements acted as discursive events, helping to constitute a space for the Natural Sciences and, eventually, for the emergence of Biology education in the country.

**Keywords:** History of Biology teaching. History of Natural Sciences. History and Philosophy of Biology.

<sup>1</sup> Professor da rede municipal de Rio Grande e Pelotas/RS; Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), membro do grupo de Pesquisa em Educação em Ciências (Pemcie). E-mail de contato: keppspeterson@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Doutora em Educação em Ciências, líder do grupo de Pesquisa em Educação em Ciências (Pemcie). E-mail de contato: laviniasch@gmail.com

## EN LOS RASTRO DE LOS PERIÓDICOS: condiciones de posibilidad para el establecimiento de la enseñanza de la Biología en Brasil (1800-1879)

**Resumen:** Nuestro objetivo es comprender algunas condiciones que posibilitaron la constitución de la enseñanza de Biología en Brasil. Utilizamos como fuentes los periódicos *Diário do Rio de Janeiro* y *Correio Braziliense*, ambos del siglo XIX. El análisis se llevó a cabo desde elementos de la perspectiva arqueo-genealógica de Foucault. Es posible afirmar que las instituciones escolares sirvieron funcionalmente a la práctica de las Ciencias Naturales como forma de conocer la naturaleza de un modo conveniente para el estudio de la agricultura y el desarrollo de las industrias. A esto se sumaron el interés por la enseñanza de Botánica y Zoología como instrumentos para el avance de Brasil hacia el estatus de nación civilizada; los cursos, orientados por las Ciencias Naturales, ofrecidos a la comunidad en general; así como los remates, ventas/compras de libros y objetos y/o materiales relacionados con el área, además de los propios periódicos en los que estos anuncios circulaban, que se convirtieron en acontecimientos que abrieron espacio para las Ciencias Naturales y la futura emergencia de la enseñanza de Biología en el país.

**Palavras-clave:** Enseñanza de la Historia de la Biología. Historia de las Ciencias Naturales. Historia y Filosofía de la Biología.

### Introdução

A intenção deste estudo é compreender algumas condições que possibilitaram a constituição do ensino de Biologia no Brasil. Para tanto, utilizamos como material empírico para a pesquisa dois periódicos do período oitocentista brasileiro.

Neste contexto, é preciso que se compreenda que a história do ensino de Biologia é um tema ainda a ser explorado nas pesquisas que envolvem a temática da história da educação (Silva, Schwantes, 2020). Temos nos empenhado em pesquisar os processos históricos que possibilitaram a construção do ensino de Biologia no Brasil. Sabe-se, segundo Marandino, Selles e Ferreira (2009), que ao longo do tempo os estudos de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia foram englobados e posteriormente substituídos pela disciplina escolar Biologia. Entretanto, nos questionamos os caminhos que levaram a isto. Quais foram as condições que possibilitaram que este ensino emergisse em um dado momento?

Com estas indagações em vista nos propomos a investigar uma série de documentos históricos (tais como revistas, leis e documentos curriculares) que pudessem ter contribuído para construir uma narrativa sobre a história do ensino de Biologia no Brasil. Neste artigo, no entanto, nos centramos em dois jornais do país: *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Braziliense*, entre o período de 1800 a 1879.

Escolhemos os jornais como fonte para esta empreitada investigativa, primeiro, porque

são fontes esquecidas quando se trata da constituição histórica do ensino de Biologia (Silva, Schwantes, 2020). Segundo, por entender que todos os documentos podem ser capazes de fornecer pistas e informações relevantes para a construção de determinada história. Ademais, os jornais, ou o material empírico possibilitado a partir da imprensa, nos permite compreender processos que são difíceis de encontrar de modo tão detalhado em outros tipos de fontes, “debates e posições políticas, ideológicas, econômicas, lutas sociais, costumes, práticas e grupos sociais, eventos culturais, podem ser localizados nos diversos espaços que compõem os periódicos” (Leite, 2025, p. 9).

Considerando os dois periódicos investigados, Correio Braziliense (1808-1822) e Diário do Rio de Janeiro (1821-1878), temos o período de 1808 a 1878 analisados. Escolhemos o Diário do Rio de Janeiro por este ser o primeiro diário da história da imprensa brasileira, vindo a lume a partir de 1º de junho de 182128; já a escolha do Correio Braziliense, jornal impresso em Londres e, por isso, livrado da intensa censura do governo de Portugal, deu-se por esse também ser considerado um dos primeiros do Brasil, de opinião explícita e que praticava o debate público.

Nessa empreitada, não estamos buscando a Biologia, isto é, o conhecimento biológico em si, através dos tempos, ou mesmo procurando-a no passado, no intuito de encontrar sua origem pontual. A Biologia, como área de conhecimento, até o século XVIII, estava em vias de vir a existir. Por isso, não existe Biologia através dos tempos, ou Medicina, utilizando o exemplo de Veyne (1992). O que se pode ter é alguma coisa que se pareça com o que, hoje, entendemos como Biologia – um objeto do passado que pode se assemelhar com objetos do presente, ter uma história correlata ou, às vezes, apenas o nome em comum.

Historicamente, este rosto, a Biologia, nos parece familiar por meio da História Natural, Zoologia e Botânica, porém, como mostra Foucault (1999), essa relação não é linear e direta, o fato é que essas áreas abriram espaço para a sua futura presença no campo das Ciências Naturais. Alguma coisa como Biologia, enquanto campo de saber, emerge a partir do rompimento do quadro fixo e ordenado de identidades e diferenças presentes no mundo natural (edificado pelo número, pelas formas, pelas grandezas, pela disposição dos objetos do mundo natural), no qual se baseava a produção de conhecimento da História Natural (Foucault, 1999).

A produção dos saberes na episteme clássica dá-se a partir de um quadro geral e de uma

ordem fixa das coisas; isto é, há uma ordenação e classificação dos seres vivos – considerando a História Natural. Com a utilização da taxonomia, os seres passam a ser descritos apenas a partir da sua anatomia externa, forma, costumes, nascimento, morte. O teor interpretativo, as lendas e histórias dos seres, os medicamentos que poderiam ser produzidos por meio de suas substâncias passaram a não fazer mais parte da construção dos saberes desse campo. A vida enquanto objeto do saber ainda não existia. O que existia, até o final do século XVIII, eram seres vivos “que apareciam através de um crivo do saber constituído pela História Natural” (Foucault, 1999, p. 174).

Dentro da análise clássica dos saberes, suspendia-se o privilégio dos órgãos mais importantes do corpo em prol do enquadramento dos seres numa taxonomia (Foucault, 1999, p. 365). Com a anatomia de Cuvier, “é a vida, no que tem de não perceptível, de puramente funcional, que funda a possibilidade exterior de uma classificação” (id, 1999, p. 368). E é justamente nesse espaço, na lacuna deixada pelo campo da História Natural que a vida como objeto de conhecimento e, mais precisamente a Biologia, enquanto campo de produção de conhecimento sobre esse objeto, podem emergir.

Nos dedicamos em pontuar brevemente o nascimento da Biologia enquanto um campo de saber para demarcar três pontos. O primeiro é que as coisas são o que são historicamente (Veyne, 1992). Segundo, apontar a correlação entre as áreas de História Natural, Botânica e Zoologia com a Biologia ao longo da história. Essa correlação nos indica o nascimento da Biologia como área do conhecimento e a multiplicidade de acontecimentos – dentro de um descontínuo histórico – que possibilitaram a sua constituição. O terceiro motivo, de extrema importância nos rumos deste artigo, é que nos utilizamos dos termos História Natural, Zoologia e Botânica para investigar os periódicos, justamente, por entendermos que é pelas lacunas deixadas por estas áreas que a Biologia pôde emergir.

Nos aproximamos da perspectiva arqueo-genealógica de Michel Foucault, e buscamos traçar alguns caminhos sobre a constituição do ensino de Biologia no país. Quando nos referimos à constituição do ensino de Biologia, aproximamo-nos do que Foucault intitulou como proveniência. Para ele, a proveniência de um discurso, de um saber, é “uma investigação que não busca terrenos firmes, senão areias movediças, fragmentos, omissões e incoerências” (Foucault, 2014, p. 59). Para o autor (2015, p. 64), “a pesquisa da proveniência não funda, pelo

contrário: ela agita o que se percebia imóvel, ela fragmenta o que se pensava unido; ela mostra a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo”.

Por isso, trabalhamos com a noção de acontecimento. Para Veyne (1992, p. 30), eles “não são coisas, objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem e sofrem substâncias em interação, homens e coisas”. Pela esteira de Foucault (2014), acrescentamos:

acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. (id, 2014, p. 54).

De forma mais específica, enfocamos essas noções de acontecimentos discutidas por Veyne (1992) e Foucault (2014) como acontecimentos discursivos. Dessa forma, os cortes e recortes nos jornais foram tomados como acontecimentos discursivos, que num segundo olhar, junto com a análise desse material, nos deram a possibilidade de entender alguns contornos e condições de possibilidade da constituição do ensino de Biologia.

A seguir são expostos os três acontecimentos discursivos publicizados nos jornais analisados (Diário do Rio de Janeiro e Correio Braziliense): a organização de instituições de ensino, a organização de outros espaços, aqueles provenientes da seção miscelânea.

### Acontecimentos discursivos 1: organização de instituições de ensino

As matérias do Diário do Rio de Janeiro apresentavam, com frequência, informações sobre colégios. Essas notícias perpassavam por anúncios da criação e/ou inauguração de novas escolas; apresentação de planos de ensino ou regulamentos que informavam, entre outras coisas, as matérias/disciplinas que seriam ofertadas; por relatórios de assembleias legislativas; e informações mais amplas como, por exemplo, que o colégio Militar realizou uma saída ao Museu Nacional e os alunos visitaram a seção de História Natural<sup>3</sup>.

Se tivéssemos que pontuar um tipo de assunto encontrado com maior recorrência

<sup>3</sup> Diário do Rio de Janeiro, 17/01/1864.

utilizando os termos Zoologia, Botânica e História Natural, quando se trata de colégios, seria a apresentação de planos de ensino. Os anúncios expressavam a presença de Zoologia, Botânica e/ou História Natural na lista de matérias. Algumas vezes, nem todas juntas ou no mesmo ano/série.

Os colégios apresentavam o plano não somente com a oferta dessas matérias escolares. Recuperamos material que indica a falta de professores para ministrar Zoologia e Botânica. Em 1848, na seção “notícias particulares”, do jornal Diário do Rio de Janeiro, Frederic H. Southworth, anuncia que o “Collegio d’educação literária” estava lecionando as mesmas matérias do Colégio Pedro II e que faltava preencher as cadeiras de Zoologia e Botânica<sup>4</sup>.

O ensino das matérias que envolviam as Ciências da Natureza (o que incluía, além de Botânica e Zoologia, matérias como a Química e a Física) só passou a ser incorporado na educação secundária do Brasil após a criação do Colégio Pedro II, em 1837. Sobre ele, Azevedo (1976) menciona o estatuto de 1838, que reservava os últimos três anos do curso (que possuía seis e depois sete anos), para o ensino da História Natural, Geografia e Ciências Físicas.

Foi mais tarde, porém, quase final do século XIX, que esses conhecimentos foram exigidos nas provas para o ingresso dos estudantes às academias. Essa situação impôs limites à expansão do ensino das Ciências da Natureza e interferiu no tempo dispensado a essas disciplinas no currículo dos colégios; bem como restringiu as condições para o ensino – como criação de espaços específicos para as Ciências da Natureza (como os gabinetes) e o investimento em materiais pedagógicos (Barboza; Meloni, 2018).

Os planos de ensino nos jornais eram divulgados pelos diretores dos colégios que colocavam informações e apresentavam as matérias que estavam sendo ministradas no curso primário. O recorte extraído ilustra a presença de Zoologia e Botânica nos planos de estudos divulgados e mostra a matéria de Zoologia vista em um ano e, no seguinte, articulada com Botânica.

<sup>4</sup> Diário do Rio de Janeiro, 19/01/1848.

**Figura 1:** reprodução de excerto do Diário do Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1850. Plano de estudos do Collegio de Bellas Letras.

2.º anno.	
<i>Latim</i> — Tradução e composição.	
<i>Francez</i> — Idem.	
<i>Inglez</i> — Leitura, grammatica e tradução literal.	
<i>Allemão</i> — Leitura.	
<i>Arithmetica</i> .	
<i>Algebra</i> .	
<i>Geographia</i> .	
<i>Historia sagrada</i> .	
<i>Zoologia</i> .	
3.º anno.	
<i>Latim</i> — Tradução e composição.	
<i>Francez</i> — Idem.	
<i>Inglez</i> — Idem.	
<i>Allemão</i> — Leitura, grammatica e tradução literal.	
<i>Grego</i> — Idem.	
<i>Algebra</i> .	
<i>Geometria</i> .	
<i>Cosmographia</i> .	
<i>Historia universal</i> .	
<i>Rhetorica</i> .	
<i>Zoologia e botanica</i> .	

**Fonte:** Diário do Rio de Janeiro (1850)

A maior parte das notícias se centravam em seis colégios sendo que predominavam, segundo Schueler (2005), as instituições de instrução e educação privadas. Muitas matérias faziam perceber que os colégios eram pagos como o “Collegio de Petropolis<sup>5</sup>”, que expôs tanto as matérias que seriam ministradas – Desenho, Geometria, Zoologia, Mineralogia, etc. – quanto o valor trimestral dos estudos, que incluía o conserto da roupa e dos sapatos dos alunos.

Ou seja, parte dos planos de ensino divulgados nos periódicos analisados fazia parte da seção de anúncios ou “notas particulares”, nas quais as próprias escolas que pagavam para fazer circular informações a respeito das novidades, planos de ensino, matérias, valores ou mesmo necessidades ainda existentes na instituição, como a falta de professores ou o aviso de contratações.

O currículo do Colégio Pedro II (entre 1838-1971), público, é apresentado com alta frequência para o ensino de Zoologia, Botânica, Mineralogia e Química; isto é, estas matérias figuraram em todos os planos de ensino deste período (Lorenz; Vechia, 1986). Esta observação nos leva a pensar no interesse dos colégios que seguiam o modelo de ensino do Pedro II. Com esses anúncios, os demais colégios poderiam incluir essas matérias em seus planos de estudos

<sup>5</sup> Diário do Rio de Janeiro, 11/12/1849.

e eles ainda apontavam a necessidade que se tinha na época de colocar em funcionamento os conhecimentos das Ciências Naturais.

Sobre o possível interesse do Estado em inserir esses conhecimentos, tomamos uma publicação na seção “Parte Official”, a qual transcrevia informações como avisos, editais e decretos do governo imperial, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro e, também, dos juízes de paz das freguesias (Marendino, 2016). Nessa publicação em específico, apresentaram-se as “grandíssimas vantagens de uma escola botanica systematica, ou de um herborium vivum que são muito reconhecidas, e desde longa data aspiradas pelo Rio de Janeiro<sup>6</sup>”. Extraímos um excerto que evidenciava a vontade de criação de um estabelecimento voltado ao ensino, aos conhecimentos do campo da Botânica:

[...] o Brasil, que abrange a terça parte da America Meridional, e a mais fértil, e a mais rica de todas as produções da natureza, não possue senão de nome um tão necessário estabelecimento, entretanto que aí existem associações scientificas, que perscrutão as sciencias naturaes, e duas cadeiras para o ensino da Botanica, uma na academia militar, e outra na escola de medicina, as quas, como lhes falte um jardim botanico, estão reduzidas a ensinar uma nomenclatura secca, uma glossologia tediosa, servindo para exemplos plantas, e estampas extraídas de livros franceses. Facto é inconstratavél que infinitas vantagens resultão aos alunnos aprender nas plantas vivas systematicamente collocionadas, as suas definições, organisação e os seus caracteres distintivos [...]

É possível perceber as limitações que enfrentavam o ensino de Botânica na corte e a crítica à forma como era conduzido. As críticas à educação/instrução no Brasil se estendiam ao modo como a língua materna estava sendo estudada, a pouca importância aos estudos de áreas que não o latim, e a ausência das matérias de Geologia, Física, Química, Botânica, Zoologia e Mineralogia nos colégios.

[...] A pouca ou nenhuma importância, que se dá aos estudos, que não são o latim, deve se fazer sentir necessariamente na vida do homem civilisado. Ninguem nos poderá negar, que pouco se ensina em relação as despezas a que é obrigado um pae. Basta uma simples vista as matérias de ensino, para se convencerem todos d'esta grande asserção. Nós não negamos a existência de professores aptos para isso no Rio de Janeiro, não negamos que muitos homens de não vulgar capacidade por ahi existem que se deverão empregar melhor, mas o que negamos é que a maior parte d'elles tenhão um sistema a

<sup>6</sup> Diário do Rio de Janeiro, 20/04/1838.

# MOMENTO

## Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

seguir proveitosamente. Analysemos. Primeiros rudimentos da língua materna. Tão forçado, tão enjoado é este ensino, que os meninos acabão por se desgostarem d'elle.

[...] Quanto à geologia, à physica, à chimica, à botanica, à zoologia, à mineralogia, que diremos. Nada; puramente nada. E chamão se collegios esses que por ahi existem sem ensinarem os rudimentos destas matérias? [...]<sup>7</sup>.

Destacamos ainda a análise sobre o sistema de instrução e educação pública adotado nos países “mais civilizados”, que teve como intuito verificar até que ponto ele satisfaz as necessidades dessas nações. A comparação perpassa pelas matérias estudadas nas escolas, como pode ser visto:

[...] examinamos a importância da instrucção que recebe essa parte da população que pode frequentar as escolas de primeiras letras. Nos paízes mais adiantados em civilisação, manda-se que os mestres daquellas escolas ensinem a ler, escrever, arithmetic elementar, grammatica portugueza, primeiros elementos de geographia e de historia, e o cathecismo da religião christã. Em alguns paízes exigem mais que ellas ensinem os princípios elementares da historia natural: e mesmo noções de geometria prática e desenho linear, de geographia e de historia mais desenvolvida<sup>8</sup>.

Embora essas últimas notícias do Diário do Rio de Janeiro sejam espaçadas temporalmente, é possível perceber algumas críticas que estavam sendo feitas na época. Um texto expõe a ausência do ensino da Física, Química, Botânica, Zoologia, entre outras, e provoca as instituições escolares que não apresentavam tais áreas em seus planos de ensino. No outro texto, vemos uma demonstração daquilo que estava sendo ensinado nas instituições escolares, como os princípios elementares da Historia Natural, noções de Geometria prática e desenho linear, em países entendidos como mais civilizados; e também a crítica sobre as instituições brasileiras que funcionavam sem “ensinarem os rudimentos destas matérias”.

Torna-se importante considerar ainda alguns movimentos e até mesmo esforços que o Brasil estava realizando para alcançar o status de “civilizado” na época e, a inserção dos estudos científicos nos estabelecimentos de ensino, se tornava mais uma forma de avançar na conquista desse *status*. Além do mais, esses textos foram produzidos dentro da episteme moderna, num

<sup>7</sup> Diário do Rio de Janeiro, 16/11/1849.

<sup>8</sup> Diário do Rio de Janeiro, 17/01/1868.

momento de efervescência do conhecimento científico que estava alicerçado, principalmente, em áreas como a Matemática, a Física, a Química e até mesmo a mais recente Biologia.

Seguindo as discussões, o Colégio Pedro II, como já vimos, inseriu no plano de estudos as matérias de cunho científico. Na mesma linha, a assembleia legislativa provincial do Rio de Janeiro chamava atenção para a criação de cadeiras de noções elementares de "sciencias naturaes, comprehendendo a physica, a chimica, a botanica e a zoologia com applicações a vida domestica" na escola normal.

[...] A escola normal, pois, deve ser objecto de vossos cuidados. A reforma por que passou ultimamente este estabelecimento mostrou-na defeituosa na pratica. O curso normal não pode satisfazer-se plenamente em dous annos; é necessário dar-lhe mais um anno. Covem crear quanto antes a cadeira de noções elementares de sciencias naturaes, comprehendendo a physica, a chimica, a botanica e a zoologia com applicações a vida domestica; é necessário dar mais desenvolvimento a methodology; sobretudo é indispensável exercitar os alumnos na pratica pedagogica, o que não se pode alcançar sem tempo, de que actualmente não dispõe o professor de pedagógica<sup>9</sup>.

No bojo dessas informações, se observarmos, em 1838, criou-se um plano de estudos no Pedro II com a presença da História Natural, e dos estudos científicos de modo mais amplo. Entretanto, em 1849, a crítica aponta a ausência desses estudos nos colégios do Império – que tinham, por sua vez, o Pedro II como modelo. Mais tarde ainda, em 1875, a escola normal também passou a ser vista como um estabelecimento que precisava incorporar esses conhecimentos no seu plano de estudos, com a criação das cadeiras de Zoologia, Botânica, Química e Física. Isso nos leva a atentar para o hiato que poderia existir entre aquilo que era posto nas diretrizes e normas que regiam a instrução pública e o que se efetivava nos estabelecimentos de ensino.

Ademais, vemos também esboçados a valorização da ciência e dos conhecimentos científicos, tendo em vista que eles se tornam necessários e precisam ser incorporados nas instituições normalistas por meio das cadeiras/matérias de Zoologia, Botânica, Física e Química. Noutro fragmento, num relato da viagem do Conde de Castelneau ao Brasil e à

<sup>9</sup> Diário do Rio de Janeiro, 14/07/1875.

América do Sul expressava a riqueza do continente em se tratando de natureza e a exploração que sofria de outras nações e salientava certo sucesso das ciências médicas e jurídicas e o abandono do estudo das Ciências Naturais:

[...] O Brasil, este vasto continente o mais rico do globo em productos da natureza, paga a três séculos um tributo immenso de suas riquezas a todas as nações do mundo civilisado que lhe partilhão entre si seus despojos, sem que o senhor d'este rico solo o brasileiro tenha parte no geral festim. As sciencias medicas e jurídicas, e as mathematicas tem sido cultivadas com algum sucesso, porem as sciencias naturaes até hoje esquecidas jazem no mais completo abandono, os médicos e advogados são innumeraveis, pullulão, é uma verdadeira praga, no entanto que há uma falta total de naturalista<sup>10</sup>. [...]

A estreita relação do Brasil com a natureza, destacada no fragmento acima, refletia na atenção dispensada às Ciências Naturais. Transpassar de colônia de Portugal para uma ideia de nação envolveu, dentre outras coisas, a construção de um movimento romântico nacional que interseccionou à imagem de nação às riquezas naturais do país (Domingues, 1997). De igual modo, em outra publicação percebe-se a valorização do país enquanto um “ambiente natural” e, novamente, a crítica à falta de futuro das Ciências Naturais, especialmente do botânico:

[...] Dai valor ao que temos – Difficil é encelar certas discussões e não prosseguir nellas. Assim é o objecto cuja epigraphe já tomamos no passado artigo. Olha-se em nossa terra por toda parte e por toda parte se encontra uma natureza prodiga, procura-se o vestígio da intelligencia e da vontade, e encontra-se a falta da vontade e intelligencia. Qual é o futuro que em nossa terra aguarda o homem talentoso, que se volte as sciencias naturaes? Aquelle que quizer ser botânico, tão somente botânico, há de acabar por morrer de fome; e no entanto a nossa agricultura ahi está como está<sup>11</sup> [...]

A partir dessas visões de uma realidade vivenciada no Brasil no que se refere às Ciências Naturais, apontamos as publicações de Ensino Superior. Na maioria das vezes, elas envolveram as escolas ou faculdades de medicina, com seus estatutos, tempo do curso, horas e dias de aulas, e as disciplinas distribuídas ao longo dos anos que incluíam a Botânica, principalmente. Também era pontuada a necessidade de criação de ambientes apropriados para o estudo das

<sup>10</sup> Diário do Rio de Janeiro, 10/01/1848.

<sup>11</sup> Diário do Rio de Janeiro, 02/01/1854.

ciências que integravam o curso:

[...] A chimica, a physica, a botanica, a anatomia, sciencias accessoriais e integrantes da medicina, e cujo estudo demanda serias experiências em laboratórios, em hortos e em amphitheatros apropriados, não podem tomar grande desenvolvimento na escola de medicina, sem que estas faltas estejão sanadas com a criação e realização destes meios indispensaveis de aperfeiçoamento<sup>12</sup>.

Acerca dos locais apropriados para o estudo das ciências, recuperamos ainda duas notícias que tratavam da criação de gabinetes. Uma delas informava que vários cidadãos se reúnem a fim de organizar uma sociedade e “auxiliar a industria da província e crear um gabinete de historia natural<sup>13</sup>”. A outra, trazia um anúncio de inauguração de um gabinete com animais coletados por um naturalista:

[...] Francisco Antonio Neck, naturalista, há vendo oito annos viajando no interior do Brasil, onde com muitos trabalhos, fadigas, e applicações tem ajuntado huma grande, e curiosa colleção de animaos quadropodes, reptis, bichos de todas as qualidades, borboletas etc., etc., de diferentes espécies, e tamanhos, dignos de atenção dos coriosos, e amantes da Historia Natural. Elle abrio por esse fim hum gabinete na ladeira de Santa Thereza n. 1 [...]<sup>14</sup>

Além dos gabinetes, ora construídos como espaços públicos de ensino das ciências em instituições escolares, ora como espaços particulares demonstrativos de espécimes, tinham-se publicações voltadas às Ciências Naturais e Físicas alinhadas com o desenvolvimento e com o bem-estar da sociedade. A matéria intitulada: “Os lyceus e os princípios das sciencias naturae” trazia, além de uma discussão sobre a inserção dessas matérias nos Liceus, a ciência atrelada ao alcance do Brasil a um status de nação civilizada.

[...] Hoje, que as sciencias physicas e naturae representão um papel tão consideravel pelos esforços continuos que empregam grandes intelligencias em applicar as suas descobertas aos fins economicos da vida, que não cultivadas só no campo das abstracções e subtilezas puramente teórica vão contribuindo tanto com suas forças de gigante para o desenvolvimento e bem-

<sup>12</sup> Diário do Rio de Janeiro, 10/02/1838.

<sup>13</sup> Diário do Rio de Janeiro, 08/12/1876.

<sup>14</sup> Diário do Rio de Janeiro, 09/08/1862.

estar da sociedade humana, deve o Brasil, que vai pretendendo entrar na senda do progresso, procurar, derramando o seu ensino, alargar mais e firmar os passos vacilantes com que caminha, para poder ocupar o lugar que lhe compete entre as nações civilizadas<sup>15</sup>.

Aqui vemos, mais uma vez, o lugar que as Ciências Naturais estavam começando a ocupar. Tinha-se a ideia do campo enquanto um constituinte do “desenvolvimento e bem-estar da sociedade humana”<sup>16</sup>.

Percebemos, até o momento, que além do status de nação civilizada, as Ciências Naturais também apareciam, principalmente, por meio dos planos de estudos divulgados pelas instituições escolares, cujo interesse das mesmas era compartilhar suas grades de disciplinas. Aparece também a valorização da ciência e dos conhecimentos científicos, os quais deveriam ser inseridos nas escolas normais.

As matérias com críticas à educação/instrução no Brasil denunciavam e criticavam a pouca importância aos estudos que compreendiam áreas como as Ciências Naturais, pois essas ciências colocavam o desenvolvimento e bem-estar do Brasil.

## Acontecimentos discursivos 2: organização de outros espaços e cursos para a divulgação do saber das Ciências Naturais

Até aqui, as publicações nos jornais enfocavam instituições como colégios e faculdades, espaços que inseriram a Zoologia e a Botânica. As fontes nos permitiram entrar em contato com os planos de estudos dos colégios e com solicitações de criação de locais, como escola de botânica systematica/herborium vivum. Por outra via, encontramos publicações que versavam para além das instituições escolares, como cursos em museus, exposições e expedições para pesquisas que traziam a Botânica e a Zoologia, se não em destaque, como um elemento a ser desenvolvido.

De início, chamamos atenção ao Museu Nacional por dois motivos. Primeiro, pela intensidade de matérias recuperadas envolvendo o museu; segundo, pela promoção de cursos de Botânica destinados à comunidade em geral. Podemos afirmar que este museu possuía uma função educativa, baseado na construção de um “sistema de palestras públicas e de cursos livres,

<sup>15</sup> Diário do Rio de Janeiro, 06/07/1856.

<sup>16</sup> Diário do Rio de Janeiro, 06/07/1856.

abrindo o leque de acesso ao conhecimento ali cultivado e divulgado” (Duarte, 2019, p. 364).

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado no século XIX, em 1818, por D. João VI, tornou-se uma das principais instituições do Brasil dedicada à História Natural. De forma mais geral, as instituições museológicas têm como um dos seus objetivos se inscrever enquanto espaços de formação e instrução. No caso particular do Museu Nacional, pode-se dizer que o mesmo possuía uma função educativa, baseado na construção de um “sistema de palestras públicas e de cursos livres, abrindo o leque de acesso ao conhecimento ali cultivado e divulgado” (Duarte, 2019, p. 364). Ainda conforme o autor supracitado, esses cursos começaram a ser realizados na gestão do diretor Ladislau Netto (1874- 1893), sendo mantidos durante os últimos anos do Império e início da República do Brasil.

Comunicados realizados pelo diretor do Museu Nacional contavam ao público as aquisições realizadas em determinado período. Esses relatórios detalhavam os presentes recebidos em cada seção do museu, como de Zoologia e Anatomia comparada, Botânica e Agricultura<sup>17</sup>. Às vezes, nominalmente eram mencionados aqueles que doaram para o museu e feito agradecimentos por essas doações<sup>18</sup>. Em se tratando de Zoologia, essa é a seção que sempre recebia o número maior de presentes<sup>19</sup>.

Construído com o intuito de divulgar os conhecimentos e estudos do campo das Ciências Naturais, o Museu Nacional, como mencionado, promovia cursos que tinham como um dos temas o estudo de Botânica. Anúncios divulgavam os dias dos cursos, horários e professores envolvidos. Segundo descrição no comunicado publicado, o curso do museu era “destinado as senhoras, aos homens de letras, aos empregados públicos, a todos, enfim, que, estranhos ao estudo da história natural, quizerem aproveitar esta hora desaproveitada da noite<sup>20</sup>”. De certo modo, parece-nos que o curso tinha uma amplitude significativa, visava alcançar um público que não somente era estudioso das Ciências Naturais (especificamente da Botânica e Zoologia), mas, sim, primavam por aqueles que tivessem interesse em ampliar seus conhecimentos nestes campos.

Além disso, é possível perceber recorrência no chamamento da comunidade para

<sup>17</sup> Diário do Rio de Janeiro, 16/06/1852; 07/01/1853.

<sup>18</sup> Diário do Rio de Janeiro, 19/07/1849; 04/01/1855.

<sup>19</sup> Diário do Rio de Janeiro, 02/01/1854.

<sup>20</sup> Diário do Rio de Janeiro, 10/03/1876.

participação nos cursos de Zoologia, com intervalos curtos de publicação e, às vezes, com chamadas idênticas. Essa estratégia de divulgação nos indica o interesse dos envolvidos na produção e/ou organização/direção dos cursos/museu em alcançar um maior número de indivíduos e, assim, colocar em funcionamento os estudos das Ciências Naturais a todos, mesmo que estranhos à área. Tomando esses dados como ponto de referência, consideramos que os cursos de Botânica e de Zoologia ofertados pelo Museu Nacional<sup>21</sup> se constituíram enquanto um instrumento educativo produtivo. Esse fato insere a instituição nas malhas do ensino de Botânica e Zoologia, possibilitando o contato da comunidade com os conhecimentos das Ciências Naturais.

Sublinhamos os oferecidos pelos professores Joaquim Monteiro Caminhoá e Francisco Ribeiro de Mendonça, através das Conferências Populares da Glória. Segundo Carula (2013), as Conferências da Glória foram realizadas na cidade do Rio de Janeiro, nas escolas públicas da freguesia da Glória, entre 1873 e 1889. Todas as conferências eram públicas e gratuitas, de início acontecendo duas vezes por semana e, depois, somente aos domingos. Além disso, elas “abarcaram temas variados, destacando-se os culturais (literatura, teatro, história, educação, geografia, letras) e os relativos à ciência (ciências naturais, matemática, medicina, ciências físicas)” (id, 2013, p. 293). É importante ressaltar que muitas conferências faziam parte de cursos, formados assim por várias preleções.

A Botânica foi tema de pelo menos 17 conferências, pois recuperamos, entre outras, a publicação que informa a realização da 17<sup>a</sup>, quando se “tratou da fecundação, fazendo considerações sobre o que há de comum nos reinos animal e vegetal quanto a essa função, e explicando depois a formação do tubo polínico e as modificações que produz no ovulo, transformando-o em semente<sup>22</sup>”.

Além desses cursos ofertados pela Conferência Popular da Glória e os de Zoologia e Botânica desenvolvidos no Museu Nacional, foram publicados outros dois que não estavam vinculados a essas instituições, a saber: 1) curso particular oferecido pelo erudito catedrático da escola politécnica Miguel Antonio da Silva; e 2) curso público gratuito.

<sup>21</sup> Diário do Rio de Janeiro, 06/02/1941.

<sup>22</sup> Diário do Rio de Janeiro, 24/12/1876.

O curso particular<sup>23</sup> foi desenvolvido na residência do professor, para ministrar matérias como Mineralogia, Física Experimental e Terrestre, Botânica, Zoologia, Geometria, entre outras. Já os cursos públicos gratuitos<sup>24</sup> foram ofertados para as classes consideradas desvalidas, uma espécie de serviço que buscou possibilitar educação às famílias menos favorecidas, “proporcionando-lhes profissões honrosas, de sorte que em vez de o cidadão ser um infeliz instrumento se constitua um homem digno de si e dos deveres que a sociedade impõe-lhe”. O plano de estudos apresentado continha matérias como Francês, Inglês, Alemão, História e Geografia, Zoologia, Botânica, Mineralogia, Química agrícola, etc.

Independentemente dos cursos (Botânica, Zoologia e os ofertados de modo particular) estarem ou não ligados a instituições escolares, ou se considerarmos este tipo de ação um complemento do trabalho desenvolvido nos colégios da época, os mesmos tiveram um papel preponderante na divulgação e desenvolvimento de conhecimentos científicos de Zoologia e Botânica.

O cenário oitocentista no Brasil era marcado por uma civilização baseada na escravidão e exclusão de pessoas. Do ponto de vista educativo, o ensino público era desorganizado e fragmentado em sistema federal e provincial, com o Ato Adicional de 1834 (Azevedo, 1976). Entretanto, os cursos se mostraram como uma ferramenta – para além das instituições escolares – que trouxeram à baila os conhecimentos, o ensino das Ciências Naturais para a sociedade da época. Os chamados colocados nos anúncios indicavam o interesse dos organizadores em agregar o maior número de pessoas; a recorrência nas publicações revelou certa periodicidade na realização bem como os diferentes locais/instituições que ofereciam. Já as matérias nos jornais que detalhavam os conteúdos vistos nos cursos mostraram uma possível tentativa de inteirar a sociedade e, por que não pensar em atrair a comunidade a participar, seja de forma gratuita com os cursos públicos ou por meio de estabelecimentos particulares com os cursos pagos.

<sup>23</sup> Diário do Rio de Janeiro, 05/06/1978.

<sup>24</sup> Diário do Rio de Janeiro, 06/07/1872.

## Acontecimentos discursivos 3: organização de múltiplos espaços provenientes da seção Miscelânea

Se nas seções anteriores tratamos de colégios, gabinetes, museus e cursos – que podemos considerar como canais de circulação social dos conhecimentos científicos das Ciências Naturais; nesta seção, as fontes são muito mais diversas e dispersas. Parte dos dados da pesquisa advém de uma seção do jornal *Diário do Rio de Janeiro* e *Correio Braziliense* chamada ora de “miscellanea”, ora de “variedades”. Vamos empreender uma análise de materiais que podem nos ajudar a entender como os conhecimentos de Zoologia, Botânica, História Natural circulavam no Brasil; e, em certa medida, compreender como se articulavam com a ideia de ensino e/ou a instrumentalização da sociedade no que se refere às Ciências Naturais.

A presença de uma seção denominada variedades ou miscelânea nos indica a variedade de informações que circulavam nos periódicos investigados. Neste sentido, constatamos a presença de muitas publicações concernentes à área da Botânica, leilões, vendas/compras de livros e de objetos e/ou materiais referentes também ao campo da Botânica, Zoologia e História Natural, bem como expedições científicas.

Segundo Lorenz e Peixoto (1980), o século XIX é considerado a época das expedições de História Natural. Existia um esforço no Brasil para explorar cientificamente as riquezas naturais da região, especialmente a flora e a fauna. Grande parte dessas expedições que exploraram o território brasileiro foi conduzida e patrocinada por naturalistas estrangeiros, especialmente europeus. As expedições corroboraram para uma abertura do interior do Brasil no que concerne à investigação no campo das Ciências Naturais; isso possibilitou a divulgação e projeção do país e dos seus recursos naturais no cenário científico internacional.

Têm-se publicações de rotas de expedições que aconteceram tanto no território brasileiro quanto em outros países<sup>25</sup>. Essa e outras expedições tinham cunho investigativo-exploratório, no qual, à guisa de exemplo, um geólogo percorreu a região do vale do Amazonas, investigou e trouxe contribuições para a História Natural do grande vale<sup>26</sup>. Sem adentrar nos meandros das expedições científicas, as viagens tinham, além do propósito de exploração da

<sup>25</sup> Diário do Rio de Janeiro, 15/12/1870; 17/01/1864.

<sup>26</sup> Diário do Rio de Janeiro, 15/12/1871.

natureza e investigação científica, a finalidade de impulsionar o Brasil ao status de nação civilizada (Lorenz; Peixoto, 1980).

As Ciências Naturais assumiram papel importante neste processo, ao passo que as viagens tornaram-se um meio de executar a proposta civilizatória, de ocupação territorial, e de instrumento para neocolonização. As expedições visavam não apenas investigar, explorar, estudar a terra e os recursos naturais, mas “conhecer os seus habitantes (seus costumes, línguas, história, suas potencialidades)” (Borges, 2011, p. 2), o que contribuía para integrar e construir o projeto do Estado nacional. As comissões com naturalistas foram organizadas para projetar o Brasil ao caminho do verdadeiro progresso:

[...] A camara dos Srs. Deputados assinalou um dos últimos dias da sua vida legislativa com a aprovação de artigo additivo autorisando o governo a nomear uma comissão de engenheiros e naturalistas afim de explorarem scientificamente o interior do Brasil.

[...] Não podemos deixar de applaudir este acto da camara; como uma prova evidente de que o paiz começa a marchar nas vias do verdadeiro progresso, e como uma idéa fecunda, cuja realisaçao trará incontestavelmente resultados de grande alcance e política, scientifico e commercial.

[...] A nossa flora, a mais rica do mundo, composta de mais de doze mil espécies de vegetaes, de cujo conhecimento e exame tanto podião ganhar a botanica, a medicina, a marcenaria, a navegaçao [...]<sup>27</sup>.

Outro texto sobre viajantes científicos no Brasil informou que, gazetas da Europa, estão publicando que “pessoas científicas” têm viajado ao país com o apoio do governo. O texto faz elogio à política liberal brasileira desenvolvida, num viés colonialista, pois os viajantes publicariam seus estudos e ofereceriam elementos para conhecer a natureza do país, já que “as circunstâncias não permitem que se aproveitem os talentos naturaes, pelo menos utilize-se a industria estrangeira<sup>28</sup>”.

Passando do cenário das expedições – marcado pelo desejo civilizatório e de progresso do Brasil – para o econômico, destacamos o desenvolvimento da agricultura e do progresso da indústria agrícola, com finalidade de aumentar a fortuna pública e privada; e deparamo-nos com a ideia de estruturação de um ensino que levasse em consideração as noções das ciências

<sup>27</sup> Diário do Rio de Janeiro, 06/08/1856.

<sup>28</sup> Correio Braziliense, Vol. XXIV, 1820.

aplicadas à agricultura.

[...] Estabelecida para a grandeza política do Brasil a divisão, a harmonia e a independência dos poderes públicos, fortemente constituído o elemento monarchico protector, tão essencial em um paiz, onde uma grande parte da população, destituída dos dons e das vantagens que outorgam a riqueza, o poderio e a intelligencia, carece da tutela do Estado, nenhuma questão merece mais a profunda attenção do governo imperial do que a da direcção, que cumpre dar ao movimento progressivo da industria agrícola, com o intuito de aumentar as rendas publicas, as fortunas privadas.

[...] Carece o paiz do ensino, o mais elementar, que alguns paizes entra na organisação da instrução primaria, das noções de sciencias applicadas a agricultura; carece do ensino em escolas superiores das mathematicas e de suas applicações a contabilidade, a agrimensura, aos nivelamentos, a mecânica, a hydraulica; da botanica, da physiologia vegetal, da physica, da chimica e de suas applicações a cultura e a fabricação immediata dos productos agrícolas<sup>29</sup> [...]

A história do Brasil, como se sabe, também foi marcada pelos investimentos no trabalho agrícola como um projeto de país. Segundo Domingues (1997), no período imperial, o Brasil tinha um projeto para o desenvolvimento da agricultura pela “diversificação da produção e a introdução de novos produtos, nos mercados interno e externo” (id, 1997, p. 121). Para isso, buscou-se institucionalizar as Ciências Naturais de modo a promover “a redenção econômica pelo aumento da produtividade da terra e dos produtos, além de um meio de substituir a mão de obra escrava” (id, 1997, p. 121).

Existia, com isso, certo interesse de investir nas Ciências Naturais no Brasil para além do conhecimento por erudição, atrelando-o ao desenvolvimento da agricultura e, por conseguinte, econômico. A ideia liberal entendia que “quando os conhecimentos da mineralogia, da geologia, da chimica, da botanica, etc, estiverem convenientemente espalhados em nosso paiz, o brasileiro encontrará a cada passo os meios de crear e desenvolver industrias, pouco ou nada conhecidas no paiz<sup>30</sup>”.

Ainda com relação à educação, os textos publicados trazem à baila, a relevância das ciências aplicadas a agricultura tanto na educação primária quanto em escolas superiores, nas quais careciam do nivelamento do ensino de Botânica, Fisiologia Vegetal, Física, Química e

<sup>29</sup> Diário do Rio de Janeiro, 16/01/1958.

<sup>30</sup> Diário do Rio de Janeiro, 30/09/1864.

suas aplicações à cultura e à fabricação imediata de produtos agrícolas<sup>31</sup>. A agricultura, nesse contexto, era tida como a fonte dos recursos do país e, por isso, dever-se-ia dirigir todo cuidado, atenção e estudo:

Agricultura. É esta a base de toda a riqueza do nosso paiz, é a fonte perenne de todos os nossos recursos: para Ella, pois, devemos dirigir nossos cuidados, atenção e estudos. [...] Ella é tambem uma sciencia ou antes um conjunto de sciencias que tem seus princípios. Em suas tão complicadas operações, precisa conhecer a natureza e composição dos terrenos e espécies vegetaes, para adequar a cultura de cada uma dellas ao solo que lhe é próprio, ao clima lhe convém. [...] Por este simples enunciado dos diferentes trabalhos agrícolas, conhecemos quanto nos falta percorrer, e se verifica a necessidade que há dos espíritos se prepararem com estudos convenientes; para isso era muito a desejar a criação de escolas agrícolas praticas que ensinassem ao menos os princípios elementares de physica, chimica, geologia e botanica, e dos exercícios e manejos dos instrumentos e cultura<sup>32</sup> [...]

Temos visto a recorrente ênfase dada diretamente ao ensino da Botânica, Geologia, Física, Química e, por vezes, Zoologia; isto é, o estímulo para que as instituições escolares passassem a ensinar, de forma mais ampla, a área das Ciências da Natureza e seus princípios elementares em escolas agrícolas práticas, e, também, a promoção deste ensino na educação elementar e escolares superiores.

Em meio a isto, não se pode perder de vista que, inicialmente, a correlação estabelecida entre a agricultura e as Ciências Naturais tinha como alicerce a Botânica; sendo que o estudo zoológico perpassava, com menor ênfase, a partir de pesquisas sobre insetos que atingiam as plantas. Porém, a Botânica começava a perder o primado na época das expedições científicas de exploração do Brasil – com a prerrogativa de construção do Estado-nação (por volta de 1830), quando o leque das Ciências Naturais se abriu para a Geografia, Geologia, Astronomia, Etnografia (Domingues, 1997).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a primazia das Ciências Naturais, no que tange os estudos da agricultura, entra em declínio no momento em que essa não dava mais conta de resolver os problemas que apareciam, principalmente os relacionados a doenças que abatiam as plantações (de cana de açúcar e café, por exemplo). Nesse momento, as ciências privilegiadas

<sup>31</sup> Diário do Rio de Janeiro, 16/01/1958.

<sup>32</sup> Diário do Rio de Janeiro, 28/11/1870.

e o foco de investimento passaram a ser para as construídas em laboratório, comandados por engenheiros e médicos.

Embora com altos e baixos, o objetivo de desenvolver a agricultura no Brasil a partir de investimentos nas Ciências Naturais perpassou pelo incentivo desta área do ensino. Tinha-se o desejo de criação de escolas agrícolas que ensinassem os princípios elementares de Botânica, Física, Química; assim como o entendimento de que quando esses conhecimentos estivessem disseminados ou espalhados no país, encontrariam meios de criar e desenvolver indústrias. Este cenário da história do país pode ter introduzido o ensino das Ciências Naturais que encontraram condições para serem incorporadas em planos de estudos das instruções de ensino primário, secundário e superior.

Ou seja, com relação às publicações que envolviam expedições científicas e investimentos que deveriam ser empregados à agricultura, vemos se formar um terreno, de certa maneira fértil, para o desenvolvimento do ensino das Ciências Naturais. Conforme exposto nos próprios textos discutidos ao longo deste artigo, tinha-se a necessidade de investir no ensino da Zoologia, Botânica, História Natural, entre outros da área em questão, pois, ao suprir-se a carência desses ensinos desde a instrução primária se chegaria no pleno desenvolvimento da agricultura no país.

Além da ênfase na agricultura, deparamo-nos em meio ao material empírico com leilões, vendas/compras de livros e de objetos e/ou materiais referentes à área da Zoologia, Botânica e História Natural<sup>33</sup>. As publicações anunciam vendas por estabelecimentos comerciais ou por situações excepcionais, como pela saída de uma família do Brasil para Portugal, na qual divulgava a venda de alguns livros como a “enciclopédia methodica de agricultura, Botanica em Francez, com bonitas estampas em 8 grossos e graúdos vol<sup>34</sup>”.

Livros como “A Historia Natural de Buffon<sup>35</sup>”, ou com “noções sobre as artes, sciencias, e historia natural ao alcance da mocidade<sup>36</sup>” foram recorrentes nos anúncios. Em algumas vezes, os anúncios se destinavam a alunos que estudavam na escola de medicina<sup>37</sup>, ou para o

<sup>33</sup> Correio Braziliense, Vol XXIV, 1820.

<sup>34</sup> Diário do Rio de Janeiro, 10/09/1829.

<sup>35</sup> Diário do Rio de Janeiro, 13/08/1824.

<sup>36</sup> Diário do Rio de Janeiro, 27/09/1837.

<sup>37</sup> Diário do Rio de Janeiro, 13/01/1852.

público/mocidade em geral<sup>38</sup>. Ou sublinhavam que a obra era adaptada à compreensão do comum<sup>39</sup> – isto é, de pessoas não estudiosas da área.

Ademais, encontramos anúncios de vendas e leilões sem descrição de quais objetos ou materiais<sup>40</sup> eram esses. Ou de forma mais detalhada, era informada a chegada de objetos raros e curiosos, como caixas de insetos, borboletas, pássaros, cobras, quadrúpedes, prontos para serem exportados<sup>41</sup>. Em um dos anúncios, o comerciante tinha a “honra de participar ao respeitável publico que acaba de aumentar a sua loja de um grande e variado numero de objectos de historia natural, chegados há pouco do interior, a preços muito moderados<sup>42</sup>”. Já outro, anunciava a inauguração de uma loja de objetos de Historia Natural, com completo e variado “sortimento de tudo<sup>43</sup>”.

Convém lembrar que objetos de História Natural foram sinônimos de interesse intelectual, de instrumento para autenticar riqueza e conhecimento (Absolon et. al, 2018). Além disso, destacamos o quanto essas fontes (jornais, livros, instituições) promoviam o contato da sociedade com a área das Ciências Naturais, favorecendo a construção de um interesse pela mesma e, disseminarem o conhecimento biológico para a população corroboram com a circulação desses saberes.

Dados estes três acontecimentos discursivos apontados até aqui e as condições de possibilidade que eles indicam como proveniência à institucionalização do ensino de Biologia no país, ainda trazemos alguns excertos de jornais que foram conseguidos com a palavra-chave Biologia. Neste sentido, destacamos outra vez que a história não é algo que é linear, tem recantos, curvas, idas e vindas (Foucault, 2015; Veyne, 1992).

Os textos recuperados com a utilização da palavra-chave Biologia, se entrecruzam com os apontamentos de Foucault (1999) de que o objeto “vida” não existia e, por isso, estava se constituindo. O termo Biologia nos indica a constituição desta enquanto um campo de estudos ainda em formação. Isso se dá pelas publicações de matérias que se voltavam para: a)

<sup>38</sup> Diário do Rio de Janeiro, 04/01/1838.

<sup>39</sup> Correio Braziliense, Vol. XVIII, 1812.

<sup>40</sup> Diário do Rio de Janeiro, 01/03/1842.

<sup>41</sup> Diário do Rio de Janeiro, 10/03/1834.

<sup>42</sup> Diário do Rio de Janeiro, 07/01/1863.

<sup>43</sup> Diário do Rio de Janeiro, 29/07/1862.

curiosidades, e aqui trazemos como exemplo uma que comunicava o fato de que “interessa à sciencia da biologia:” [...] na qual uma “galinha que deu (é o termo exacto) a um pinto já com penugem própria desses voláteis ao sahir da casca<sup>44</sup>; b) por estar associada como disciplina no plano de ensino da escola farmacêutica<sup>45</sup> ou ainda a disciplina de Biologia Industrial, com recisão<sup>46</sup> e nomeação<sup>47</sup> de professores na escola política. A existência do Laboratório de Biologia, encontrado por meio do texto intitulado “Emprego do microscopio na indagação das falsificações das substancias alimentícias<sup>48</sup>”, também nos indicaram certa organização da Biologia como área do saber.

Em suma, quando se trata do termo Biologia, não se tem muitos dados e, portanto, não foram descobertos acontecimentos discursivos. As matérias dos jornais, em menor número, direcionavam-se, principalmente, a curiosidades, a disciplina de Biologia industrial e a um laboratório de Biologia. Além disto, o que percebemos, mesmo que de forma reduzida, foi um movimento de publicações com o termo a partir da segunda metade do século XIX já que todas as publicações em que aparecem a palavra Biologia datam de 1874 para frente.

### Para concluir: retomando os acontecimentos discursivos e a proveniência da Biologia

A inclusão das matérias escolares de Botânica, Zoologia e História Natural no plano de estudos da educação primária e/ou secundária indica a necessidade que se tinha na época de inserir tais conhecimentos no campo educacional. O conteúdo das publicações fazia crítica a pouca importância dada aos estudos de áreas que não o latim, e a ausência das matérias de Geologia, Física, Química, Botânica, Zoologia e Mineralogia nas instituições escolares.

Sobre o Ensino Superior, notamos a necessidade de criação de ambientes apropriados para o estudo das ciências que integravam o curso de medicina, o que incluía a Botânica e o estabelecimento de hortos para o seu desenvolvimento. Havia certo interesse político na estruturação de um ensino que levasse em consideração as noções das ciências aplicadas à agricultura. Inicialmente, investir no ensino dos conhecimentos de Botânica, principalmente,

<sup>44</sup> Diário do Rio de Janeiro, 28/11/1874.

<sup>45</sup> Diário do Rio de Janeiro, 23/04/1874; 26/12/1874.

<sup>46</sup> Diário do Rio de Janeiro, 17/11/1876.

<sup>47</sup> Diário do Rio de Janeiro, 14/08/1878.

<sup>48</sup> Diário do Rio de Janeiro, 30/10/1876.

mas também de Zoologia, Mineralogia, Geologia, Química atrelava-se ao sucesso econômico do país.

Como ressaltamos ao longo da escrita, as instituições escolares serviriam funcionalmente à prática das Ciências Naturais para conhecer a natureza de modo conveniente ao estudo da agricultura. Tinha-se ainda um interesse no ensino de Botânica e Zoologia – e de outras áreas das Ciências Naturais – como instrumentos para o avanço do Brasil aos status de nação civilizada.

Os leilões, vendas/compras de livros e de objetos e/ou materiais referentes à área da Zoologia, Botânica e História Natural e os próprios jornais em que esses anúncios são divulgados se tornavam ferramentas de contato, divulgação e aproximação aos temas científicos. Cabe realçar a importância do próprio Diário do Rio de Janeiro para a divulgação do conhecimento científico e, especificamente, das Ciências Naturais com a seção variedades/misclânea que publicava sobre descoberta de novas espécies, o uso da Botânica para curar doenças, e lançamentos de livros da área, por exemplo.

Podemos dizer que, considerando os acontecimentos discursivos visualizados no material investigado, conseguimos, até então, desenhar o ideário de progresso e a valorização pública da ciência/conhecimentos científicos como condições que possibilitaram a proveniência do ensino de Biologia no país. O ideário de progresso aparece nas publicações sobre a ciência nos espaços destinados a este fim, e a valorização da ciência se configura por meio dos cursos oferecidos para a comunidade em geral, desenvolvidos à luz das Ciências Naturais, pois traziam à baila conhecimentos ligados à Botânica, à Zoologia e à História Natural para a população da época.

## Referências

ABSOLON, Bruno Araújo; FIGUEIREDO, Francisco José; GALLO, Valéria. O primeiro Gabinete de História Natural do Brasil (“Casa dos Pássaros”) e a contribuição de Francisco Xavier Cardoso Caldeira. **Filosofia e História da Biologia**, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2018. Disponível em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-13-1/FHB-13-01-01-Bruno-Araujo-Absolon-et-al.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

AZEVEDO, Fernando. **A transmissão da cultura**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

BARBOZA, Renato. MELONI, Reginaldo Alberto. A disciplina de história natural no século

XIX: um estudo dos objetos de ensino. **Pedagog. Foco**, v. 13, n. 10, p. 35-45, 2018.  
Disponível em: <https://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/416/309>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BORGES, LUIZ C. Ciência, natureza e território em Viagem ao Araguaia: expedições científicas e exploração do Império do Brasil no século XIX. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-10. Disponível em:  
[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300858054\\_ARQUIVO\\_Couto-expedicao-anpuh2011-versao2-enviada.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300858054_ARQUIVO_Couto-expedicao-anpuh2011-versao2-enviada.pdf). Acesso em: 19 mai. 2021.

CARULA, Karoline. Conferências populares da glória (1873-1889): preleções para a discussão do cotidiano na corte imperial. **Revista IHGB**, v. 458, p. 291-318, 2013.  
Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-458/item/108236-conferencias-populares-da-glória-1873-1889-prelecoes-para-a-discussao-do-cotidiano-na-corte-imperial.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. Ciência, um caso de política: as relações entre as ciências naturais e a agricultura no Brasil Império. **Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura**, v. 6, n. 1, p. 121-126, 1997. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645533/12838>. Acesso em: 18 dez. 2021.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horiz. antropol.**, n. 53, p. 359-384, 2019. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n53/1806-9983-ha-25-53-359.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 55-86.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n.1, p. 3-17, 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso em 15 abr. 2021.

LORENZ, Karl, M.; VECHIA, Ariclé. Estudo sumário das ciências no currículo da escola secundária Brasileira. In: V REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, São Paulo, 1986. **Anais** [...] São Paulo: SBPH, 1986, p. 181-182. Disponível em: [https://digitalcommons.sacredheart.edu/ced\\_fac/10/](https://digitalcommons.sacredheart.edu/ced_fac/10/). Acesso em: 16 mar. 2021.

# MOMENTO

## Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

LORENZ, Karl M.; PEIXOTO, Maria Inês H. Os itinerários de seis grandes expedições científicas realizadas no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 32, n. 11, p. 1518-1525, 1980.

Disponível em:

[https://digitalcommons.sacredheart.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1046&context=ced\\_fac](https://digitalcommons.sacredheart.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1046&context=ced_fac).

Acesso em: 14 jan. 2021.

LORENZ, Karl M. Os livros didáticos de ciências na escola secundária brasileira: 1900 a 1950. **Revista Educar**, n. 10, p. 71-79, 1995. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/er/n10/n10a10.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MARANDINO, Martha. SELLES, Sandra Escovedi. FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009.

MARENDINO, Laiz Perrut. **O Diário do Rio de Janeiro e a Imprensa Brasileira do Início do Oitocentos (1808 – 1837)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3677/1/laizperrutmarendino.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Peterson Fernando Kepps. SCHWANTES, Lavínia. Primeiras Histórias do Ensino de Biologia: uma análise bibliométrica. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 2, p. 261- 276, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1775>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCHUELER, Alessandra Frota. De mestres-escolas a professores públicos: histórias de formação de professores na Corte Imperial. **Educação**, v. XXVIII, n. 2, p. 333-351, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1843>. Acesso em: 23 abr. 2021.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

Submissão em: 29/05/2025

Aceito em: 13/10/2025

Citações e referências  
conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA  
DE NORMAS  
TÉCNICAS

